

A décadence e o niilismo: uma possibilidade de transvaloração dos valores

Decadence and nihilism: a possibility of transvaluation of values

Vanessa Roberta Massambani Ruthes
Secretaria de Educação do Estado do Paraná, Brasil

Robson Stigar
Faculdade Herrero; Mosteiro Trapista; SEED/PR, Brasil

Resumo

O presente artigo procura analisar a questão da décadence e do niilismo, apresentando os mesmos como uma possibilidade de transvaloração dos valores. Para chegarmos a esta provável conclusão, apresentaremos a questão do cristianismo e a cultura ocidental como manifestações da décadence; analisaremos o niilismo, suas características e seus tipos conceituais; estudaremos o niilismo passivo e a ascensão da falta de sentido à consciência humana; apresentaremos o niilismo ativo e a possibilidade da transvaloração dos valores e por fim apresentaremos a inserção do ser humano no mundo do eterno retorno.

Palavras-chave: Décadence. Niilismo. Transvaloração. Valores.

Abstract

This article seeks to analyze the issue of décadence and nihilism, presenting them as a possibility of transvaluation of values. To reach this probable conclusion, we will present the question of Christianity and Western culture as manifestations of décadence; we will analyze nihilism, its characteristics and conceptual types; we will study passive nihilism and the rise of meaninglessness in human consciousness; we will present the active nihilism and the possibility of the transvaluation of values and finally we will present the insertion of the man in the world of the eternal return.

Keywords: Décadence. Nihilism. Transvaluation. Values.

Informações do artigo

Submetido em 10/01/2023
Aprovado em 02/02/2023
Publicado em 12/05/2023.

 <https://doi.org/10.25247/P1982-999X.2023.v23n2.p68-82>



Esta obra está licenciada sob uma licença
Creative Commons CC BY 4.0

Como ser citado (modelo ABNT)

RUTHES, Vanessa Roberta Massambani; STIGAR, Robson. A décadence e o niilismo: uma possibilidade de transvaloração dos valores. *Ágora Filosófica*, Recife, v. 23, n. 2, p. 68-82, maio/ago. 2023.

1 INTRODUÇÃO

O termo *décadence* começa a ser utilizado por Nietzsche após algumas reflexões sobre a noção de desagregação da hierarquia, na qual define a *décadence* em primeiro momento como uma desagregação fisiológica de uma determinada organização. Constituindo-se uma parte integrante e necessária, a *décadence* é uma possibilidade de avanço e superação da vida, na qual expressa-se numa crise de valores, promovendo um vazio existencial.

Em paralelo a essa crise de valores, temos a cultura ocidental, que acabou por plasmar os seres humanos, que não conseguem se auto conduzir, ou seja exercer sua autonomia, mas sim, precisam ser conduzidos. Essa constatação perpassa a concepção cristã, na qual a pessoa tem um condutor que orienta e a conduz à sua auto-realização. Na filosofia nietzschiana, essa condição é denominada de moral de rebanho, na qual todos seguem um conjunto valorativo, que ressalta a necessidade de equilíbrio grupal, em detrimento do bem-estar pessoal. Com o declínio do modelo cultural do Ocidente, pautado na razão humana e no conhecimento científico, a visão grupal também passa por um processo de decadência, no qual o sujeito se vê sozinho e sem capacidade de se autodeterminar. Esse contexto faz com que venha à tona o sentimento de falta de sentido, e o niilismo se torne um estado psicológico de desvalorização. Considerando esses aspectos, o objetivo desse artigo é analisar de que forma o processo de *décadence* e o niilismo podem ser considerados como possibilidade de transvalorização de valores.

2 O CRISTIANISMO E A CULTURA OCIDENTAL COMO MANIFESTAÇÕES DA DÉCADENCE

O termo *décadence* começa a ser utilizado por Nietzsche nos escritos posteriores ao ano de 1885, quando toma conhecimento da obra de Paul Bourget: *Nouveaux essais de psychologie contemporaine*¹. Essa obra trata da noção de desagregação de um complexo ou hierarquia, a partir da qual Nietzsche concebeu a *décadence* como desagregação fisiológica de uma

¹ Tradução: Novos Ensaios de Psicologia Contemporânea.

determinada organização. Ou seja, quando sofre um movimento de inversão de seus propósitos e finalidades que acabam por desencadear um processo de destruição. Assim a *décadence* não se constitui um estado mas sim um processo.

A *décadence* descrita como degeneração não é um estado, mas um processo. Nele se efetiva a dissolução de uma organização, tendo-se esta completado, decaída uma unidade numa multiplicidade sem mútua conexão (unidade que só é possível como estrutura hierarquizada), não se pode mais falar em *décadence*. Sob este título somente podem ser apreendidas as fases do processo de decadência de uma totalidade, na medida em que esta, a despeito de todas as tendências à dissolução, ainda permanece uma unidade (GIACOIA, O. 1997a, p. 21-22).

A destruição de uma unidade orgânica, que posteriormente só é concebida de forma mosaica, é um evento natural não estranho ao mundo entendido como Vontade de Poder, que gera um constante organizar e desorganizar das estruturas vitais. Desta forma a *décadence* se constitui uma parte integrante e necessária, como uma possibilidade de avanço e de abertura ao novo, de superação da vida, pois como afirma Nietzsche: a própria doença pode ser estimulante da vida.

Tendo em mente que para Nietzsche, os valores são a condição de conservação e crescimento de complexas formações vitais, de duração relativa, no interior do devir, pode-se inferir que o processo de *décadence* expressa-se, em primeiro, numa crise de valores. Trata-se assim de um esforço, que visa dissolver os valores que até então constituíram as condições de sustentação e desenvolvimento de uma certa organização que está a perecer. Esse processo é conduzido pelo que Nietzsche denomina de vontade de nada, pela negatividade, pois nega-se a hierarquia da organização à qual os interesses decadentes se contrapõem. O processo de *décadence* de uma dada formação de domínio caracteriza-se, pois, quando aqueles que dominam empreendem a aniquilação das condições de sustentação e incremento dessa mesma organização vital, isto é, sua escalada de valores.

O que nesse contexto, não é a criação de novos valores, mas uma reinterpretação dos mesmos, pressuposta numa inversão dos antigos valores que se contrapõem aos interesses decadentes. O que há é a negação de toda

alteridade para possibilitar as condições do próprio crescimento e intensificação. Sendo que estes novos valores não visam a afirmação da vida, mas o controle desta como forma de preservação, por meio de uma oposição explícita aos instintos, de uma moralidade ascética.

Este movimento de negação expandiu de tal forma, que acabou por tornar-se hegemônico, instituindo um novo *cânon* moral que permite afirmar obstinada e inexoravelmente: eu sou a moral mesma, e nada além da moral. É estabelecido um princípio de unilateralidade, apenas esta organização é a verdadeira, todo o resto é falso, mas quando esta estrutura, que é decadente, começa a se desagregar, o sentimento gerado, é de desconfiança, de que talvez todas as visões de mundo sejam falsas, de que nada tenha sentido.

Segundo as análises de Nietzsche, no Ocidente, todo este processo se deu pela ascensão do Cristianismo, a mais ambígua, plurívoca e desconcertante versão ético-religiosa da vontade de nada, ou seja, da negação da vida. É mister assinalar que o autor não o considera como tal somente porque constitui uma associação da moral com a doutrina ascético-religiosa judaica e com a filosofia ascética de Platão, mas porque se manifesta como uma dupla negação. Pois nega a organização anterior, a qual subverteu, com vistas a estabelecer uma nova ordem que contenha pressupostos suprassensíveis, imaginários, que doem um sentido pleno ao existir, mas também nega suas próprias condições de subsistência. Os valores naturais da vida são falseados e desprezados, pois o seu querer refere-se a doutrina cristã.

Desde o começo a fé cristã é sacrifício: sacrifício de toda liberdade, todo orgulho, toda confiança do espírito em si mesmo; e ao mesmo tempo solidão e auto-escarnescimento automutilação. Há crueldade nessa fé, que é exigida de uma consciência debilitada, múltipla e de muitos vícios; seu pressuposto é que a submissão do espírito seja indescritivelmente dolorosa, que todo o passado e todo hábito de um tal espírito se oponham ao [...] que a fé para ele representa (NIETZSCHE, 2001a, p. 52).

E tendo conquistado sua hegemonia, um tipo de vontade de poder marcada pela negação se torna a condutora de todo o processo de formação cultural, que exerce um efeito depressivo, expresso em uma tendência hostil à vida. Podendo-se caracterizar esta formação como decadente, pois os juízos de valor cristãos constituem seu substrato. Assim a filosofia, a ciência, a arte e os

movimentos políticos nada mais são que expressões do movimento cristão, pois visam sempre a negação da ordem estabelecida com vistas a uma outra idealizada (filosofia e movimentos políticos), afirmam que suas visões de mundo são a Verdade irrefutável (ciência) ou enfim buscam propagar um sentimento de torpor no qual o vir-a-ser e o sofrimento que causa, não são sentidos (arte).

Percebe-se desta maneira que o Cristianismo, a base que engendra todas as esferas da cultura, determina a substância, a forma e a dinâmica do mundo moderno. Auto denominando-se a Verdade: “Deus é a verdade” tudo o mais “é falso”, o que acaba por suprimir toda a alteridade, todas as possíveis explicações, já que o valor que estas expressam não é verdadeiro.

Assim, na medida que o processo de *décadence* progride há a ascensão de uma falta de sentido, pois os supremos valores, que já não se sustentam por si, acabam por se desvalorizar. Uma interpretação sucumbiu, mas porque ela valia como a interpretação, parece como se não houvesse nenhum sentido na existência, como se tudo fosse em vão. Percebe-se que a verdade apregoada pelo Cristianismo, não foi alcançada, e, portanto, também não foi conhecida, conseqüentemente, também não é consoladora, redentora, constituindo assim o início do eclipse do dogma cristão e de todo o mundo-verdade, supra-sensível, inventado por este.

Cabe assinalar que devido a este eclipse é que se tornou possível a ascensão do niilismo à consciência do ser humano, pois já residia na moralidade cristã e todas as suas formas, é ele que regra a relação destas com a *décadence*, constituindo-se sua lógica.

Desta forma a afirmação de que, a *décadence* e o niilismo são processos necessários e positivos, se torna clara. Pois só há a possibilidade de superação do tipo decadencial de cultura e de ser humano, engendrados pelo Cristianismo, com a desvalorização dos supremos valores, com a vivência de todas as formas de niilismo. Lutar contra estas se caracterizaria uma expressão da própria *décadence*, uma atitude de negação frente à uma organização posta.

3 CONCEITUANDO E DIFERENCIANDO O NIILISMO

Antes de se buscar uma caracterização do niilismo, nos estudos de Nietzsche, torna-se necessário comentar acerca de sua principal inspiração para

a formulação deste conceito. Além da influência de Paul Bourget, já citada, pode-se assinalar a de dois romancistas russos: Ivan Turgueniév e Fiódor Dostoiévski, que em suas obras trabalham temas diretamente relacionados à *décadence* e ao niilismo. O romance *Pais e Filhos* de Turgueniév é o responsável por formar seu conceito de niilismo, no sentido preciso e rigoroso de lógica da decadência. A obra apresenta um personagem principal, um representante de uma nova geração que estava emergindo no século XIX.

Das obras de Dostoiévski derivam temas acerca da *décadence*, da morte de Deus e da falta de sentido. N'Os *Demônios* o autor discorre acerca do princípio de decadência de um povo, a sua descaracterização valorativa e cultural enquanto nação. Apresenta a subversão da ordem expressa em movimentos revolucionários/anarquistas. Ainda neste romance e n'Os *Irmãos Karamázovi* trata de uma questão central para as análises de Nietzsche: a morte de Deus e a falta de significado para o agir, para a vida. Sendo que tal afirmação gera a conclusão de que se Deus não existe, o ser humano poderia se autodeclarar deus. Assim, se a Vontade de Deus não existe, tudo é vontade humana, e ao expressá-la a incapacidade e o medo inviabilizam a ação.

Percebe-se assim, que para uma análise do niilismo é necessário partir do diagnóstico da morte de Deus, da morte da verdade, da falência de uma interpretação que pressupunha o mundo moderno. Em uma célebre passagem, Nietzsche expõe pelas vozes de um homem louco o drama da morte de Deus. Percebe-se que com a constatação deste fato se torna difícil ao ser humano identificar-se dentro do mundo, é difícil propriamente se conceber inserido neste. Acaba-se por perder todas as referências, não só espaço-temporais e epistemológicas, mas também as existenciais, pois ascende à consciência a ideia de que todas as suas atitudes foram em vão.

Pois por dois mil anos este mundo foi considerado falso, somente um meio ou obstáculo a se alcançar a verdade, a perfeição que se localizava em um outro mundo. Se promoveu de tal forma a desvalorização do presente, em relação a uma vida futura após a morte, que a existência para a não possuir sentido algum. Desta forma a cultura da *décadence* acabou por plasmar seres humanos que não conseguem se auto conduzir, e encontram-se sozinhos, sem direcionamento e segurança.

4 O NIILISMO PASSIVO E A ASCENSÃO DA FALTA DE SENTIDO À CONSCIÊNCIA

O sentimento de falta de sentido, que se efetiva pela ascensão do niilismo à consciência do ser humano é caracterizando assim um estado psicológico de desvalorização que possui três formas que, combinadas, o geram.

A primeira ocorre quando se busca em todos os acontecimentos um sentido, que não está nele. Pois nega-se toda a esfera do vir-a-ser em função de uma finalidade, um porquê e como este outro não existe, nada é almejado, nada é alcançado. Assim o niilismo é se expressa por um sentimento, ou melhor, pelo tormento do em vão, pela consciência do longo desperdício de força que gera a vergonha de si mesmo, como quem se tivesse enganado por demasiado tempo.

A segunda forma de falta de sentido resulta da crença em uma totalidade, sistematização ou organização, que pressupõe e doa sentido para tudo acontecer. Esta constitui uma espécie de unidade, na qual todas as coisas se encerram, mas que acaba por produzir um esvaziamento no ser humano, já que deve se negar para conceber tal universal. Assim já não há mais a possibilidade de se almejar algo, de se ter uma finalidade, como também de crer em uma grande unidade na qual o ser humano encontre sentido para o agir.

Contudo, ainda há a possibilidade de uma escapatória *deste mundo*, que constitui a terceira forma pela qual o estado psicológico de niilismo se expressa: a condenação do mundo do vir-a-ser como ilusão e inventar um mundo que seja para além dele, como verdadeiro mundo. Contudo este, após uma análise profunda acaba por ruir, pois se descobre que este mundo-verdade foi montado, inventado por mera necessidade psicológica. Surge assim a última forma do niilismo que encerra em si a descrença em um mundo metafísico, a qual proíbe a crença em um mundo verdadeiro.

O que aconteceu, no fundo? O sentimento da ausência de valor foi alvejado, quando se compreendeu que nem com o conceito fim, nem com o conceito unidade, nem com o conceito verdade se pode interpretar o caráter global da existência. Com isso, nada é alvejado e alcançado; falta a unidade abrangente na pluralidade do acontecer: o caráter da existência não é verdadeiro, é falso (...) não se tem absolutamente mais nenhum fundamento para se persuadir de um verdadeiro mundo (...) Em suma: as categorias fim, unidade, ser, com as quais tínhamos

imposto ao mundo um valor, foram outra vez retiradas por nos – e agora o mundo parece sem valor (NIETZSCHE, 2002a, p. 43).

Esta ausência de valor pode se exteriorizar na forma de sujeição, que se expressa pelo cansaço e fraqueza, pois com a morte de Deus todos os pressupostos que fundamentavam sua visão de mundo ruíram. Assim o ser humano se vê atormentado pelo sentimento de impotência que se expressa em uma paralisia angustiante perante toda a realidade. Aqui emerge a noção de último ser humano, o mais desprezível de todos, pois o valor de seus valores, que pressupõe sua vida, está se exaurindo, e o tormento do em vão, ascendendo.

Sendo que esta forma de niilismo ainda permanece inscrita na lógica da *décadence*, pois por sua atitude de sujeição continua a propagar de forma ressentida a negação do mundo. Por esse motivo, é que Nietzsche considera o niilismo passivo, também denominado de cristão, como uma forma imperfeita, pois o ser humano, apesar da consciência da desvalorização, tem seus atos calcados em uma atitude própria dos antigos valores: a negação, impossibilitando, desta forma, a transvalorização destes.

Contudo, a partir do método genealógico, o niilismo =como a *décadence* deve ser entendido como um processo, que viabiliza a auto superação, uma tentativa de reversão de todos os valores, tentativa de superação positiva do Cristianismo, prelúdio de um além-do-homem. Sendo que este só será possível pela vivência de um tipo de niilismo, que gere a aceitação e a afirmação do mundo do vir-a-ser.

5 O NIILISMO ATIVO E A POSSIBILIDADE DA TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES

Se a ausência de sentido pode se exteriorizar como desânimo e fraqueza, pode também, mediante ao desdobramento de seu processo, se exteriorizar como revolta, uma atitude de indignação por ter sido por tanto tempo enganado. Para designar este sentimento, Nietzsche utiliza a palavra *Híbris*, uma atitude de *violação soberba das leis divinas ou naturais*. Uma violenta vontade de destruição de tudo o que resta: da natureza, de Deus, e até de si mesmo, pois todo o cuidado que se tinha era pressuposto na preservação imaculada da alma.

Híbris é hoje nossa atitude para com a natureza, nossa violentação da natureza com ajuda das máquinas e da tão irrefletida inventividade dos engenheiros e técnicos; Híbris é nossa atitude para com Deus, quero dizer, para com uma presumível aranha de propósito e moralidade por trás da grande tela e teia da causalidade (...) *Je combats l'universelle araignée* (...) Híbris é nossa atitude para com nós mesmos, pois fazemos conosco experimentos que não nos permitiríamos fazer com um animal, e alegres e curiosos vivissecionamos nossa alma: que nos importa ainda a salvação da alma?! (NIETZSCHE, 2002b, p. 137).

Esta vontade de destruição é regrada da mesma forma por um princípio de negação ressentida do mundo, de rancor e de desespero. Pois o ser humano que não tem uma meta, ou uma finalidade, para a qual conduza todas as suas ações começa a entrar em conflito com o próprio existir, pois todas as coisas que lhe permitiram ser o que é, às quais possuía profunda veneração, não passam de meras *res extensa*, sem nenhuma das essências que a elas eram atribuídas.

Contudo é deste ponto, de uma atitude inquieta frente ao diagnóstico da morte de Deus e o conseqüente crepúsculo da explicação metafísica de mundo, que surge a possibilidade de uma superação. E como no caso do niilismo passivo há a noção de último homem, aqui emerge a noção de *além-do-homem*, aquele que é capaz de auto superar-se, de transpor o estado de impotência e engendrar novos valores para si. Percebe-se assim que as duas noções se tornam possíveis no desdobramento do processo de desvalorização.

Contudo Nietzsche aponta a necessidade da autossuperação da moral: uma superação do niilismo passivo e uma transvalorização dos valores. Afirma que uma nova história se coloca diante da porta, pois há a possibilidade do niilismo se tornar uma vivência efetiva da desvalorização. A revolta não se caracterizaria mais por uma mera vontade de destruição, de negação deste mundo, mas ascenderia à uma vontade pessimista, que nega, mas o faz prazerosamente, sem rancor, pois visa a afirmação do mundo do vir-a-ser, enquanto perspectiva.

Quando o ser humano se compreende inserido nesta condição, é que pode engendrar novos valores, este é capaz de vivenciar o niilismo ativo, uma crise, na qual os valores entram em conflito, proporcionando uma verdadeira guerra às concepções de bem e mal. Sendo o produto desta seria uma

purificação, uma depuração e um enobrecimento; constituiria um tipo superior, que busca uma afirmação de si e de seu mundo.

Quais são os que se demonstrarão [de um tipo superior]? Os mais comedidos. Aqueles que não necessitam de artigos de fé extremados. Aqueles que não somente admitem, mas amam uma boa parte de acaso, de insensatez, aqueles que podem pensar no homem como uns significativos comedimentos de seu valor, sem com isso tornarem-se pequenos e fracos: os mais ricos de saúde, os que estão à altura do maior dos *malheurs*, e por isso não têm medo dos *malheurs* – seres humanos que estão seguros de sua potência e que representam, com consciente orgulho, a força alcançada do homem (NIETZSCHE, 2002b, p. 185).

Pode-se assim afirmar, que o desdobramento do niilismo permite inferir a possibilidade de uma superação da condição instalada no Ocidente pelo Cristianismo. Uma formação decadente que exigia a negação absoluta do vir-a-ser, e conseqüentemente uma negação do próprio ser humano enquanto artífice nesse, fazendo com que se tornasse fraco e doentio. Sendo que a experimentação desta doença, o niilismo, ao seu extremo é possibilitaria ao ser humano a “grande saúde”, a consciência de que está inserido no mundo do vir-a-ser, e a partir da vivência das várias perspectivas que apresenta, engendrar novos valores, que variam conforme a perspectiva em questão.

6 A INSERÇÃO DO SER HUMANO NO MUNDO DO ETERNO RETORNO

Como foi visto anteriormente, Nietzsche, afirma a possibilidade de uma superação da atitude negativa frente ao mundo, própria do ascetismo niilista, que foi sublimado no Ocidente pela interpretação cristã do mundo. Esta se dá pela ascensão de uma vontade de destruição, caracterizada pela *Hýbris*, para uma vontade pessimista que proporciona a inserção do ser humano no mundo do vir-a-ser, não mais de forma ressentida, mas de forma afirmativa. Contudo para uma melhor compreensão de como se dá este processo de superação, torna-se necessário discorrer acerca da concepção nietzscheniana da dinâmica do mundo e da relação do ser humano com esta.

As ideias de Nietzsche acerca do vir-a-ser possuem sua raiz na concepção de um filósofo pré-socrático, Heráclito de Éfeso, que percebeu a constante dinâmica do mundo, cuja expressão pode ser expressa pelo conceito

de *Panta-rei*, tudo flui. E este devir se dá pela contraposição de forças existentes divergentes entre si e que emanaram de um Logos primordial que imputou o movimento na terra. Estas forças qualitativamente opostas lutam entre si pela reunificação, pois

constantemente uma qualidade entra em discórdia consigo mesma e separa-se em seus contrários; constantemente esses contrários lutam outra vez em direção ao outro. (...) Da guerra de opostos nasce todo vir-a-ser: as qualidades determinadas, que nos aparecem como durando, exprimem apenas a preponderância momentânea de um dos combatentes, mas com isso a guerra não chegou ao fim, a contenda perdura pela eternidade (NIETZSCHE, 2003, p. 34).

Sendo que há a possibilidade de se afirmar que esta guerra de opostos se dá de forma circular, entendo que pela confluência das forças, próprias do devir, os diferentes estados que tiveram seu momento de presença tendem a retornar. Como afirma um fragmento atribuído a Heráclito.

É mister ressaltar que esta concepção tem um impacto muito grande em toda a tradição filosófica posterior, que empreendeu um movimento de reação, tendo como um dos primeiros e principais representantes Sócrates. Em busca de um pressuposto que doasse à realidade estabilidade e harmonia, princípios básicos que possibilitariam conhecer o mundo e todas as suas perspectivas, negaram o vir-a-ser, e estabeleceram uma realidade ou mundo supra-sensível detentor do ser, que fundamentaria o sensível. Sendo que somente com Nietzsche é que, de certa forma, a concepção de mundo do filósofo pré-socrático retorna.

Em outras palavras, concebe a existência do mundo como infinita, sem um vir-a-ser primeiro e um perecer último sendo possível pensá-lo como *grandeza determinada de força*. O que há, segundo Nietzsche, são somente forças contraditórias, Vontades de Poder, que pela sua confluência gerariam uma série de combinações aleatórias, que como em um jogo de dados são passíveis de se repetir, retornar. Sendo possível intuir que a dinâmica infinita do vir-a-ser se dá de forma circular, já que propicia o eterno retorno de combinações, de estados de coisas transitórios.

Em um tempo infinito, cada combinação possível estaria alguma vez alcançada; mais ainda: estaria alcançada infinitas vezes. E

como entre cada combinação e seu próximo retorno todas as combinações ainda possíveis teriam de estar transcorridas e cada uma dessas combinações condiciona a seqüência inteira as combinações da mesma série, com isso estaria provado um curso circular de séries absolutamente idênticas: o mundo como curso circular que infinitas vezes já se repetiu que joga seu jogo *in infinitum*. (...) Outrora se pensava que a atividade infinita no tempo requer uma força infinita, que nenhum consumo esgotaria. Agora pensa-se a força constantemente igual, e ela não precisa mais tornar-se *infinitamente grande*. Ela é eternamente ativa, mas não pode mais criar infinitos casos, tem de se repetir (NIETZSCHE, 2002b, p. 189).

Considerar que o processo do vir-a-ser é circular, intuindo que, como foi dito anteriormente, as diversas combinações, os diversos estados deste, tendem a retornar num fluxo constante, é afirmar que o mundo não possui finalidade nem sentido. É somente, “uma monstruosidade de força, sem início, sem fim, uma firme, brônzea grandeza de força, que não se torna maior, nem menor, que não se consome, mas apenas se transmuda” (NIETZSCHE, 2002b, p. 174).

Sendo que é nuclear, para a análise da possível superação da condição do ser humano moderno, ter em mente o impacto de tal concepção sobre o ser humano. Que se caracteriza por “uma representação terrível e perturbadora”, similar “a sensação de alguém, em um terremoto ao perder a confiança em terra firme” (NIETZSCHE, 2002b, p. 195). Pois, já não há mais a possibilidade do ser humano advogar a existência de mundos e seres suprassensíveis nos quais se refugiava, somente tem posse deste mundo, que se apresenta como assustador.

Em tal situação existencial, o ser humano sente-se como um animal de carga, portador de um peso muito grande, ou como Nietzsche denomina: o maior dos pesos. Sendo que uma das atitudes perante tal situação seria a resignação, a mera aceitação dos acontecimentos do destino, atitude própria do niilismo passivo. Poderia também se caracterizar como uma atitude de revolta, própria, da anteriormente comentada, *Hibrís*, uma vontade de destruição, pautada pela falta de finalidade em tudo o que existe, sendo que esta é uma expressão do niilismo ativo. Uma outra atitude, que de certa forma descende do tipo de niilismo anteriormente citado, que é apontada por Nietzsche, na medida em que promove uma atitude, como aquela que possibilitaria ao ser humano ascender ao tipo de niilismo mais extremo, que assumiria uma posição positiva, frente ao mundo.

O que Nietzsche propõe é que o ser humano desenvolva um sentimento dionisíaco pela vida, que afirme plenamente o eterno retorno, tendo consciência

de que faz parte deste. Pois somente com a grande participação panteísta em alegria e sofrimento, que aprova e santifica até mesmo as mais terríveis e problemáticas propriedades da vida, é que o ser humano teria a possibilidade de não ter uma reação ressentida frente ao mundo que se apresenta. Mas pelo contrário uma atitude afirmativa, na qual até a própria negação é efetivada por prazer, na qual o ser humano aprenderia a agir como se a mais ínfima de suas ações devesse se repetir eternamente, de maneira a dar à sua própria existência a bela forma da obra de arte.

Contudo deve-se ter em mente que tal atitude perante a vida é regrada por uma percepção estética da realidade, na qual a proposição socrática, bem é a verdade, é substituída por o bem é o belo. Pois desta maneira a crueldade do eterno retorno, não é tomada como efetiva, porque aos olhos do ser humano é apenas uma representação, uma forma das muitas com que se apresenta.

Neste caso, como Nietzsche afirma, a verdade é feia, pois todo seu produto não produziu nenhuma beleza em mais de dois mil anos, mas pelo contrário somente doença e fraqueza. Sendo que por meio desta visão estética da realidade, é que efetivamente o ser humano é capaz de se divorciar do mundo efetivo e real construído pela tradição cristã, e inserir-se no eterno retorno do mundo, de forma afirmativa, com alegria, bendizendo-o. Permitindo desta forma a ascensão de um além-do-homem, aquele que seria capaz de engendrar novos valores que visariam a exaltação e a afirmação de si e do mundo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *décadence* e do niilismo, se constituem possibilidades de transvaloração dos valores. Fundamentamos esta hipótese após estudar sobre o cristianismo e a cultura ocidental, como expressões da *décadence*; o niilismo, suas características e seus conceitos; o niilismo passivo e a ascensão da falta de sentido à consciência humana; o niilismo ativo e a possibilidade da transvaloração dos valores; e por fim apresentaremos a inserção do ser humano no mundo do eterno retorno.

O presente artigo não pretende apresentar o respectivo tema de forma conclusiva, pelo contrário, trata-se de um artigo introdutório ao tema abordado, necessitando de mais estudos e pesquisas sobre o mesmo. Desta forma

entendemos concebemos este artigo como um ensaio epistemológico a respeito da *décadence* e do Niilismo.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. Tradução de Edmundo Fernandes Dias. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976. p. 1-170.

DOSTOIÉVSKI, F. **Diário de um escritor**. Tradução de Jacy Monteiro. Rio de Janeiro: Livraria Exposição do Livro, 1968.

DOSTOIÉVSKI, F. **Os demônios**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Editora 34, 1995.

DOSTOIÉVSKI, F. **Os irmãos Karamázov**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2012.

FOUCAULT, M. Nietzsche, a genealogia e a história. *In: Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

GIACOIA, O, J. **Nietzsche**. 1. ed. São Paulo: Publifolha, 2000. p. 11-92.

GIACOIA, O, J. O Platão de Nietzsche. O Nietzsche de Platão. **Cadernos Nietzsche**. São Paulo: USP, n. 3, p. 23-36, 1997.

HERÁCLITO. **Fragmentos**: origem do pensamento. Tradução da introdução e notas de Emmanuel Carneiro Leão. ed. bilíngüe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1974.

KANT, I. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Tradução de Paulo Quintela. São Paulo, Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores).

MARTON, S. **Nietzsche**: a transvaloração dos valores. 1. ed. São Paulo: Moderna, 1993. p. 7-119.

MARTON, S. A morte de Deus e a transvaloração dos valores. *In: Extravagâncias: ensaios sobre a filosofia de Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial, 2000.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. 1. ed. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p.11-359.

NIETZSCHE, F. **A genealogia da Moral**. 1. ed. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 7-179.

NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. 3. ed. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 1992. p. 7-271.

NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos ídolos: a filosofia a golpes de martelo.** Tradução de Edson Bini. São Paulo: Hemus, 1976.

NIETZSCHE, F. **Humano demasiado humano.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, F. **O anticristo: ensaio de uma crítica ao cristianismo.** Tradução de Pedro Delfim Pinto dos Santos. Lisboa: Guimarães, 1988.

PASCHOAL, E. A. **A dinâmica da vontade de poder como proposição moral nos escritos de Nietzsche.** Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, IFCH, 1999.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação.** Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2005.

TARNAS, R. **Epopéia do pensamento ocidental: para compreender as ideias que moldaram nossa visão de mundo.** Tradução de Beatriz Sidou. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

VOLPI, F. **O niilismo.** tradução de Aldo Vannuchi. São Paulo: Loyola, 1999.

DADOS DOS AUTORES

Vanessa Roberta Massambani Ruthes

Mestre e doutora em teologia com ênfase em Bioética, graduada em filosofia e pedagogia, especialista em bioética e educação. Atua como professora da Educação Básica e Ensino Superior, nas áreas da Educação e Filosofia. Tem longa experiência em gestão de pessoas e processos, tendo desenvolvido a implementação de políticas institucionais voltadas para a promoção dos direitos humanos. Atua na gestão pública como coordenadora do Ensino Médio na Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Desenvolve pesquisas na área de Ética, Bioética e Religiosidade, Currículo e Aprendizagem, e Gestão Pedagógica de Sistemas de Ensino. Atua como consultora educacional em várias Instituições. *E-mail:* vanessamassambaniruthes@gmail.com

Robson Stigar

Doutor em Ciência da Religião; Mestre em Ciência da Religião; MBA em Gestão Educacional; Especialização em Filosofia da Arte e Estética; Especialização em Educação, Tecnologia e Sociedade; Especialização em Psicopedagogia; Especialização em História do Brasil; Especialização em Catequética; Especialização em Ensino Religioso; Aperfeiçoamento em Sociologia Política; Aperfeiçoamento em Ensino de Filosofia; Licenciado em Pedagogia; Bacharel em Teologia; Licenciado em Ciências Religiosas; Licenciado em Filosofia; Atua como professor de Filosofia e Ensino Religioso na Educação Básica e no Ensino Superior com as disciplinas de Ética, Epistemologia, Fenomenologia, Filosofia da Educação, Filosofia do Direito, Filosofia Política e Metodologia da Pesquisa. Possui também experiência de Gestor na área de Gestão Educacional. Palavras Chave: Ciência da Religião; Ensino de Filosofia; Ética; Gestão Educacional; Metodologia da Pesquisa. *Email:* robsonstigar@hotmail.com